

O PÓLO NA TELA

A Terceira Margem do Rio, de Nelson Pereira dos Santos, é apresentado em pré-estréia

Brasília finalmente vai assistir a *A Terceira Margem do Rio*, o 16º longa-metragem de Nelson Pereira dos Santos, filmado no ano passado entre Paracatu e a cidade cenográfica construída no Pólo de Cinema, em Sobradinho. Chega hoje à tela do Cine Brasília, em sessão especial para autoridades, jornalistas e convidados. A estréia nacional será no próximo dia 18, com a distribuição simultânea das seis cópias em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Campinas e Niterói. Dois dias depois o filme será exibido no Festival de Cinema de Berlim, concorrendo com trabalhos de Alain Resnais, Kieslowski, Peter Weir e outros nomes de vulto do cinema mundial.

Nelson foi seduzido pelos personagens de João Guimarães Rosa nos cinco contos de *Primeiras Estórias*, *A Terceira Margem do Rio*, *A Menina de Lá*, *Os Irmãos Dagobé*, *Sequência* e *Fatalidade*. Há muito tempo o cineasta planejava essa adaptação, que considera uma "fábula" sobre ética e moral. Convencido de que a linguagem de Rosa é intransponível para as telas, Nelson preferiu trabalhar as imagens criadas pelo texto, alinhavando os cinco contos numa única história. Além da ousadia em adaptar a obra do escritor mineiro, o cineasta cometeu mais uma: trouxe a trama originalmente interiorana para a complexidade dos centros urbanos - parte da história se passa na favela da Rocinha, reproduzida nos estúdios do Pólo nos moldes dos assentamentos da periferia de Brasília.

O diretor de *Vidas Secas*, *Rio Zona Norte* e *Memórias do Cárcere* estava há sete anos sem filmar. Para realizar esse que é um de seus mais ambiciosos projetos contou com capital brasileiro (Pólo de Cinema do DF e Ministério da Cultura) e do governo francês. O filme, que custou cerca de um milhão de dólares, tem como protagonistas Ilya São Paulo (como Liujorge, a personagem que "costura" os cinco contos) e a francesa Sonjia Saurin, além da menina Bárbara Brant, no papel da milagreira Nininha. Participam ainda do filme a brasiliense Mariane Vicentini, a neta de Guimarães Rosa, Laura Lustosa (como uma repórter-narradora), que trabalhou também como assis-

tente de direção, Jofre Soares, Chico Díaz e a veterana Maria Ribeiro, ex-funcionária do laboratório Líder que estreou no cinema em *Vidas Secas*.

Música — A trilha sonora é assinada por ninguém menos que Milton Nascimento. "Milton soube que eu estava filmando em Paracatu e entrou em contato comigo, dizendo que queria fazer a música do filme, queria colaborar com a produção", conta Nelson. "Eu estava em dificuldades financeiras e ele foi muito generoso. Mandei o roteiro para ele, que ficou trabalhando de acordo com o texto. Depois vimos juntos a primeira montagem, trabalhamos juntos na trilha, e aí eu fiquei sabendo que o Milton é um homem de cinema, tem cabeça de cineasta. Ele me contou que pensa em cinema quando compõe. E ele tem, realmente, uma segurança danada ao compor para cinema".

Entre os projetos do cineasta está a realização de um filme sobre a história do cinema na América Latina, que integra projeto do British Film Institute em comemoração ao primeiro centenário do cinema. "É uma série de 15 filmes para televisão sobre a história do cinema em todo o mundo. Eu fui convidado para dirigir esse episódio, que terá cerca de uma hora de duração e produção brasileira da Meta Vídeo", diz. Nelson Pereira vai narrar a história do cinema latino-americano em forma de ficção, baseado no livro *O Cinema de Lágrimas da América Latina*, de Sílvia Oroz.

Está também nos planos do cineasta voltar à Universidade de Brasília, à qual foi reintegrado há dois meses, depois de quase 30 anos de afastamento. "Fui afastado em 1965, junto com outros 200 professores, obviamente por questões políticas", lembra. "Passados os anos fui convidado a pedir a reintegração e participar da reestruturação do curso de Cinema, mesmo porque fui um dos fundadores do curso junto com Paulo Emílio Salles Gomes e outros professores. Neste semestre vou fazer uma oficina na UnB e já estamos trabalhando na reestruturação do curso".

Nelson está otimista quanto à performance e *A Terceira Margem do Rio* nas telas nacionais, mas não espera trazer prêmios de Berlim: "Já é motivo de muito orgulho participar do Festival". Ele estará hoje à noite no Cine Brasília, acompanhado dos atores Ilya São Paulo, Bárbara Brant e Maria Ribeiro.

■ **Anamaria Rossi**

lugar do Brasil e do mundo", defende-se Nelson Pereira dos Santos. "Em Brasília será feita uma sessão que não pode ser feita em nenhum outro lugar, com a presença de todas as autoridades. No Rio, foi uma coisa dentro do próprio contexto do cinema, num encontro de produtores e cineastas com a Endima, uma associação ligada à Bolsa de Valores. Isso não esvazia absolutamente a sessão em Brasília".

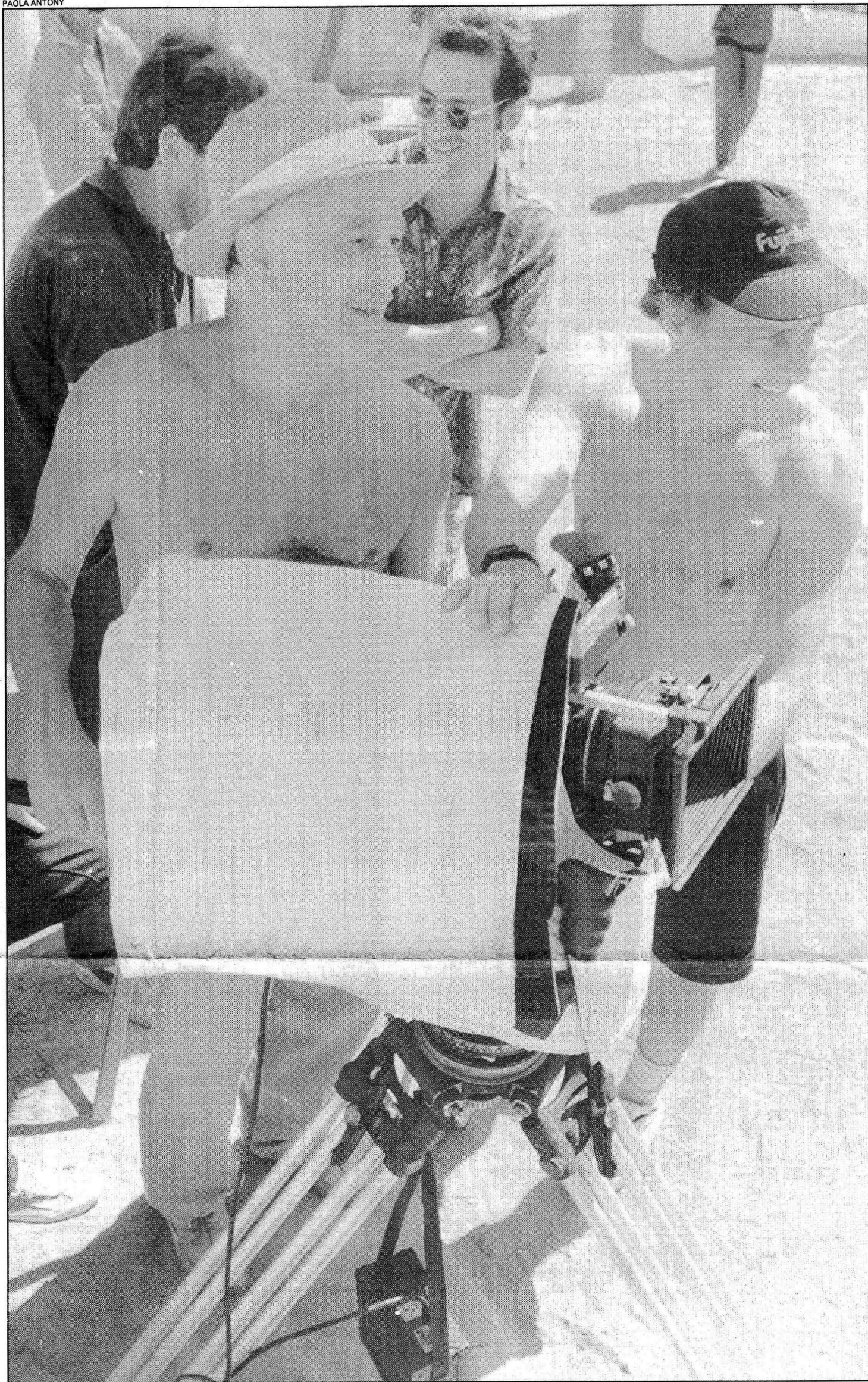
Maria Helena Machado, secretária-executiva do Pólo, não esperava que sua decisão de transferir a pré-estréia brasiliense de ontem para hoje pudesse gerar tamanha confusão. "Não imaginei que isso fosse criar a polêmica que criou", afirma. "Ninguém fez isso por maldade. Como não haveria tempo para a cópia chegar aqui ontem, a não ser de jatinho, mudamos a data da pré-estréia. O Rio acabou ficando com o dia 7, porque a cópia já estava lá e no dia 9 já estava marcada em Belo Horizonte. Nelson temia que o filme não ficasse pronto nem até hoje, por causa de uma tempestade que atrapalhou os trabalhos em São Paulo. Não podíamos arriscar".

A última polêmica

A polêmica está na mesa: o Rio de Janeiro assistiu *A Terceira Margem* antes de Brasília. A pré-estréia realizada ontem no Rio provocou descontentamento geral em terras candangas. A Terceira Margem foi a primeira realização do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, envolveu vários profissionais da cidade e teve boa parte das cenas gravadas aqui, na cidade cenográfica do Pólo. O secretário de Cultura do DF, Fernando Lemos, chegou a falar em "golpe" por parte da Rio Filme, distribuidora carioca responsável pela finalização do longa, e em "deselegância" por parte do cineasta.

"A primeira sessão estava marcada para Brasília. Foi a secretaria do Pólo que mudou a data da pré-estréia. Mas isso não muda nada. O filme vai representar Brasília em qualquer

PAOLA ANTONY



Nelson Pereira dos Santos durante as filmagens de *A Terceira Margem do Rio* que será apresentado hoje em Brasília

■ "O filme tem tudo para ser um sucesso"

Qual é a sua expectativa em relação ao lançamento nacional do filme no dia 18 de fevereiro?

Estou confiante, vamos ver se o filme vai agradar a todo mundo. É muito difícil acontecer isso, mas o filme tem tudo para ser um sucesso. Será lançado simultaneamente em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Campinas e Niterói, inicialmente com uma cópia em cada cidade. Os exibidores têm o compromisso de manter por no mínimo cinco semanas em cartaz. Dependendo da performance do filme, a distribuidora Rio Filme já está preparada para providenciar mais cópias.

Você participa do Festival de Berlim pela quarta vez, voltando depois de 17 anos. O que você espera? Dá para trazer algum prêmio?

Não, acho que basta participar. Se vier um prêmio vai ser muito bom, mas eu não estou esperando isso. São 23 filmes concorrendo, um elenco de diretores e atores de alto nível - Alain Resnais, Jonathan Demme, Peter Weir, Kieslovski, uma coleção fantástica.

E como você se sente no meio desse time? "Para mim e para o cinema brasileiro é motivo de satisfação participar do Festival de Berlim mas não espero ganhar prêmios".

Como você acha que

pode ser superado o estrangulamento do mercado exibidor e a resistência do público em relação aos filmes brasileiros?

Essa questão da resistência do público é uma questão duvidosa. É um mito. O cinema brasileiro, quando foi fechado pelo Collor, ocupava 28 por cento do mercado. Evidentemente que, sem produzir nada, como se vai falar que o público não gosta do cinema brasileiro? Esse mito foi criado servindo não sei a que interesse. Mas se formos aos dados, às pesquisas, não é verdade. Por outro lado, o filme brasileiro, quando passa na televisão, tem os maiores índices de audiência. O problema é que os exibidores não têm muito interesse em passar filmes nacionais. A questão do mercado exibidor vem depois da produção. Precisamos primeiro retomar a produção brasileira, ter os filmes e aí vamos discutir as relações com o mercado.

Por falar nisso, atualmente existem oito filmes nacionais prontos - alguns já nas telas - seis em finalização e 19 em preparação. Você está otimista quanto à retomada da produção nacional?

Eu estou, claro. Acho que esse vai ser o ano da retomada. Outra coisa é que agora estamos diante de novas leis, não tem mais aquele paternalismo do Estado. A Lei do Audiovisual é sábia, moderna, dá incentivo para a iniciativa privada participar dos filmes.

O que você espera do ministro Luiz Roberto do Nascimento e Silva e do Secretário de Audiovisual, Miguel Faria Jr.?

São duas pessoas que conhecem bastante a questão do cinema. O ministro participou da elaboração de quase todas as novas leis do audiovi-

"Os exibidores não têm interesse em passar filmes nacionais, mas precisamos retomar a produção para discutir relações com o mercado".

Um dos vetos de Collor à Lei do Audiovisual foi ao Procine. Você defende a criação de um órgão nos moldes do Procine para administrar, no nível do Estado, a produção cinematográfica?

Isso é interessante, mas desde que não se estabeleça aquela intervenção direta. Seria um órgão para facilitar a relação entre a iniciativa privada e a produção cinematográfica. Um intermediário, já que está em jogo o dinheiro público, do incentivo fiscal. Um órgão para fiscalizar a utilização desses recursos, para evitar o que acontecia com a Lei Sarney.

Ana Maria Magalhães já declarou que vai colocar seu próximo projeto utilizando um dos mecanismos no mercado de capitais da Lei Rouanet, o Ficarete. Você acha viável essa alternativa para o cinema?

Acho bastante viável. Mas isso é muito novo, vamos ver na prática. É preciso ver, na experiência, se vai ser bom. A idéia parece interessante.

sual. Miguel Faria Jr também é um homem que conhece bastante a questão. E eles são pragmáticos. Quando tomou posse, o ministro delimitou o que podia fazer nesse período curto. Ele sabe exatamente o que e como fazer, dada a escassez de tempo. Não tem nenhuma proposta mirabolante. Quer fazer o que pode ser feito. É uma coisa justa e interessante para todo mundo.